OCTÓGONO
Cadernos de polissemia artística
Número avulso (11)
18 de Junho de 2025
ISSN: 2976-0402
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira
https://octogono-cpa.blogspot.com/

Inv.550 Pint – um retrato de Vasco da Gama

Paulo Martins Oliveira

No contexto da chamada Arte Antiga, um retratista não se limitava a espelhar certa personagem num determinado suporte (geralmente madeira ou tela). Procurando mais, visava dotar a imagem de referentes que “iluminassem” o quadro, dando conta por exemplo do temperamento e/ou da actividade da pessoa figurada.

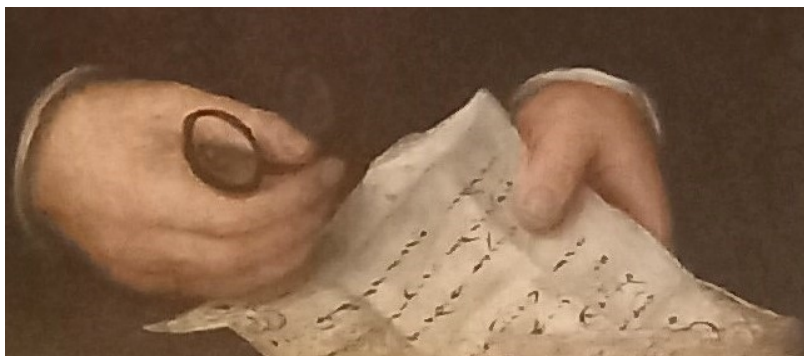
Para além da simples interpretação directa e óbvia, tais artifícios podem conter expedientes alegóricos que, desafiando a perspicácia do observador, amplificam o prestígio intelectual da criação[1].

É o caso de um discutido retrato actualmente exposto no Museu Nacional de Arte Antiga.

MNAA, Inv.550 Pint (foto: PMO).

1 Por exemplo, no conhecido quadro *Senhora com Rosário* (MNAA, Inv.1460 Pint), o dito rosário sublinha a devoção da retratada; todavia a configuração ou disposição do mesmo objecto acrescenta e codifica nova camada interpretativa. Sobre os engenhos sub-reptícios neste tipo de construções, v. por exemplo o retrato de Alof de Wignacourt por Caravaggio (v. *Deconstructing Caravaggio and Velázquez*, 2012, p.1 [*online*]), ou a questão relativa aos encomendantes da *Ronda da Noite* (v. *Rembrandt and the commissioners*, 2014 [*online*]).

Há muito que se conjectura tratar-se de um retrato de Vasco da Gama, e se na História da Arte muitos alvitres são infundados, neste caso a própria obra reforça tal identificação, conforme se expõe seguidamente através de pontos interpretativos.

• Os óculos (aparentemente extemporâneos) devem ser interpretados em associação quer com a modelação naviforme (e antropomórfica-belicosa) da mão, quer com a dimensão figurativa da carta (v. adiante).

• Assim, as lentes começam por reportar os dois mundos (ocidental e oriental) agora unidos por via marítima graças à empresa conduzida pelo Gama (recriação, efectivação e amplificação do antigo projecto de Alexandre o Grande, um *alter ego* do promotor D. Manuel)[2].

• Este conceito está inscrito nas representações emparelhadas da esfera armilar manuelina, onde em sobreposição se representam os dois hemisférios[3].

• Os dedos que seguram a ligação entre as lentes celebram Vasco da Gama como aquele que unira "as várias partes do que os insanos Mares dividem", conforme evocado depois por Camões (*Lus.* X:91)[4].

• Neste contexto, no quadro do MNAA a mesma mão sugere o casco de uma nau. Estas analogias marítimas eram comuns no século XVI – e.g. *S. João Evangelista em Patmos* por Álvaro Pires (Misericórdia da Lourinhã, onde a águia mimetiza o navio logo acima), ou a própria Torre de Belém, entre outros exemplos[5].

• Intrépida, a nave corta uma "onda", como um "salto de fé" num mar agitado e desconhecido (≈ palavras deliberadamente ilegíveis na folha tempestuosa)

• O Índico/Oriente era o "incógnito Hemisp[h]erio" (*Lus.* X:93) que o Gama acabaria por domar e fazer conhecido (óculos simbolizando a leitura do que à partida se apresenta turvo ou incompreensível).

---

2 E.g. *Octógono* n.15 / Maio de 2025 – "Os bustos na Portaria dos Jerónimos: identificação e significado", p.8.

3 Cf. Paulo Martins Oliveira, *A Janela de Tomar*, 2011, pp.38-39 (p.36 na edição agregada *A Janela de Tomar e os Painéis de Avis,* 2011 [*online*]). Este conceito prestigiante manteve-se ao longo dos século, como se observa por exemplo no *Coche dos Oceanos* (M.N. dos Coches), onde o Atlântico (i.e. o Ocidente) cumprimenta o Índico (o Oriente); ou nos grupos laterais na base da estátua equestre de D. José (Machado de Castro, T. Paço/Pr. Comércio).

4 Sobre esta questão, v. *Octógono* – n. avulso (7) / 24 de Dezembro de 2024 – "Vasco da Gama e o Nó do Mundo".

5 V. *A configuração da Torre de Belém*, 2014 [*online*]; sobre as metamorfoses náuticas no vizinho grande templo, cf. *Octógono* n.16 / Junho de 2025 – "O 'Batel Divinal' do Mosteiro dos Jerónimos".

• Assim, o mundo oriental e respectivo Índico são simbolizados quer pela obscurecida lente sinistra, quer pela carta "agitada" que o navegante segura com a mão sinistra. Segue-se aqui o princípio de colocar no lado esquerdo da composição a subordinada esfera marítima-colonial, reservando a dextra à Metrópole[6].

• Como antecipado acima, os óculos e a mão dextra formam um navio antropomórfico, i.e. sugerem também uma face humanizada, observando-se mesmo um subtil olho guerreiro através da lente em primeiro plano.

• Figurando/satirizando o Gama como o titular Almirante da Índia (personificando a nau que submete o Índico), alude-se aqui também à dupla natureza do capitão hábil: ser disciplinador e mesmo implacável quando necessário, e benevolente em tudo o resto (neste último caso: a face verdadeira e tranquila do retratado, cuja orelha visível está modelada na forma de uma barbatana ≈ natureza marítima, Neptuno).

• Ao centro destas duas faces, a Cruz de Cristo serve de Juiz derradeiro: ou para a condenação tormentosa em baixo, ou para as boas-graças de um acalmado "Deus-Pai" ao topo.

• Mas a identificação enquanto Vasco da Gama pode ainda ser deduzida pelas faixas de pele que flanqueiam a dita Cruz, formando um grande V, porventura em sugestivo pêlo de gama (fêmea do gamo), que nessa altura figurava como timbre sobre o brasão de armas do navegador[7].

• Ou seja, emoldurando a égide orientadora de Cristo, forma-se a grande inicial V [Vasco] [da Gama].

• À época era comum este género de artifícios envolvendo a modelação de letras[8], como se observa por exemplo no imperador Maximiliano envolto no próprio M (retrato do Habsburgo por Dürer, Kunsthistorisches Museum), encerrando-se aí uma narrativa simbólica própria.

• No quadro do MNAA, outro aspecto de interesse verifica-se no barrete insinuando a prestigiante coroa condal outorgada ao navegador-Almirante e ainda Vice-Rei da Índia[9].

Em suma, os elementos aqui elencados deixam perceber que Vasco da Gama será de facto o retratado nesta obra do MNAA. Por sua vez, o estilo de execução e o modo de construir engenhos alegóricos indiciam Gregório Lopes como o autor da pintura – um dos artistas que bem sabia trabalhar a metamorfose.

---

6 Por exemplo, mimetizando a coeva parede esculpida de Tomar, na Torre de Belém o extravagante rinoceronte foi colocado à sinistra da fachada setentrional, em contraponto ao porto seguro da dextra (v. *A síntese de Belém*, 2014 [*online*]). Observa-se o mesmo até no famoso retrato "entronizado" de Pombal (L.M. van Loo e C.J. Vernet), onde o Sábio metropolitano tem à sinistra a ancestral e perigosa anarquia ultramarina, que os portugueses se propunham corrigir (quer os navios quer os documentos ostensivamente desorganizados equivalem ao verificado no canto inferior sinistro do retrato do MNAA aqui em análise).

7 Cf. Humberto Nuno Lopes de OLIVEIRA, Miguel Metelo de SEIXAS, *As Armas de D. Vasco da Gama e os acrescentamentos honrosos na Heráldica Portuguesa dos séculos XV e XVI*, sep. de *Tabardo* n.1, ed. CLEGH/Univ. Lusíada – Livraria Bizantina, Lisboa, 2002, pp.6-7, 18-19.

8 V. *The hidden letters in old paintings*, 2015 [*online*].

9 V. a pedra de armas no castelo da Vidigueira, em Humberto de OLIVEIRA, Miguel de SEIXAS, *op.cit.*, p.16. Quanto ao papel alegórico dos barretes como "coroas", v. Paulo Martins OLIVEIRA, *Os Painéis de Avis*, 2011, pp.42, 72-73, 83 (pp.88, 118-119, 129 na edição agregada *A Janela de Tomar e os Painéis de Avis*, 2011 [*online*]. Ainda sobre o barrete e face do retratado no MNAA, comparar com a conhecida representação de Vasco da Gama por Gaspar Correia, no segundo vol. das *Lendas da Índia*.